

BEAUVOIR: PARADOXOS E INTERLOCUÇÕES METODOLÓGICAS

BEAUVOIR: PARADOXES AND METHODOLOGICAL INTERLOCUTIONS

Magda Guadalupe dos Santos*

RESUMO

No presente texto investigo aspectos metodológicos relativos aos escritos de Simone de Beauvoir. Analiso certos atributos de seu método, tais como o dialógico, o paradoxal, o antissistêmico, sempre sustentados em bases criteriosas e atribuindo roupagem específica a seus textos, em especial a *Force de l'âge* e a *Tout compte fait*, obras autobiográficas publicadas em 1960 e em 1972 respectivamente, assim como a *Le Deuxième Sexe*, publicada em 1949. Vasculho possibilidades interpretativas que retomam seu pensamento crítico nas últimas décadas, fazendo realçar a preocupação com a recepção como tônica acentuada nas obras de Beauvoir. Finalmente, tento entender como os escritos de Beauvoir, retomados em várias chaves de leitura, oferecem novos modos de apropriação de velhos cânones de reflexão sobre o lugar da filosofia e, nesse âmbito, do feminismo na cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Beauvoir; método; diálogo; feminismo; paradoxo

ABSTRACT

In this text we analyze methodological aspects concerning the writings of Simone de Beauvoir. We examine certain attributes of her method – such as the dialogical, paradoxical, and the anti-systematic – which grants her texts with a specific view, in particular in *La force de l'âge* and in *Tout compte fait*, autobiographical works published in 1960 and 1972, respectively, as well as *Le Deuxième Sexe*, published in 1949. We address the interpretative possibilities that recover Beauvoir's critical thinking in the last decades, highlighting the concern with the reception as a critical point in her works. Finally, we aim to understand how Beauvoir's writings, taken from different reading angles, offer new appropriation modes of old capitularies of reflection about the role of philosophy and, in the same ambit, the role of Feminism in culture.

KEYWORDS: Beauvoir; methods; dialogue; feminism; paradox

* Professora do IFTDJ. PUC MINAS. Brasil. Mestre em Filosofia, doutora em Direito (pela UFMG). E-mail: magda.guadalupe@yahoo.com.br

Interloquções

A interlocação entre a filosofia e distintos ramos do saber, tais como a ciência, a história, a moral e a política, tem sido realçada de variadas maneiras e por meio de diversas chaves de leitura, especialmente do final do século XX até hoje. Se a tradição filosófica sempre foi bastante resistente em elevar alguns temas à dimensão epistemológica, para então nutri-los de elogiosa profundidade intelectual e assim moldar o que Agamben nomeia como *questões terminológicas, arqueológicas, dispositivas*, e, inclusive, *figuras de poder*, entre outras, é porque tais questões instigaram as aceitações e determinações da humanidade em suas tarefas históricas (AGAMBEN, 2010, p. 27).

Nas supostas (in)definições de seus próprios termos e questões, a filosofia de Simone de Beauvoir se constrói em modelos poucos sistêmicos, mas com acentuada ênfase em horizontes históricos e políticos – e, mesmo que criticamente, sobre o campo ético e moral que sustenta as suposições da vida humana. Ela toma como uma de suas tarefas históricas relatar, transformar pela palavra o seu entorno, recusando-se a enclausurar ideias e conceitos em um sistema de referência inflexível. Entre seus modos, estilos e gêneros de pensar e dizer a realidade, a pergunta “como se faz uma vida?” (*comment se fait une vie?*, BEAUVOIR, TCF, 1972, p. 12), envolvida pelas circunstâncias, necessidade, acaso, escolhas e iniciativas do sujeito, acaba por indicar a interlocação entre refletir e relatar:

O que me ajuda a refletir sobre a minha (vida) é o fato de havê-la relatado. ‘Oh! Relatar!’ (*Oh! raconter!*), diz um dos personagens de Robbe-Grillet. Concordo: o relato se desenvolve num terreno diferente do da experiência vivida; mas reporta-se a esta e pode permitir que algumas de suas características sejam captadas (BEAUVOIR, TCF, 1972, p. 12).

Na relação de vida e escrita há o infinito – de palavras de saber, de situação –, assim como de fluidez e de “ambiguidades do vivido” (*la fluide ambiguïté du vécu*, BEAUVOIR, TCF, 1972, p. 12). Nessas correlações já se evidencia seu apreço à interlocação com a ciência, quando ela escreve: “como o universo de Einstein, ele (o sujeito e sua história) é ao mesmo tempo ilimitado e finito” (*Il est à la fois illimité et fini*) (BEAUVOIR, TCF, 1972, p. 12). Assim também suas específicas, embora ainda vagas, valorações morais e políticas se mostram quando ela, em determinado momento histórico, afirma:

Na Sorbonne, os colegas obrigaram-me a preocupar-me um pouco. Entendi a ignomínia do colonialismo (*J'ai compris l'ignominie du colonialisme*). (...) Assumi plenamente a repulsa que sentia, há muito tempo, pelo fanatismo de direita, o racismo, os valores burgueses e todos os obscurantismos (BEAUVOIR, *TCF*, 1972, p. 28).

Ao trazer a história, a ciência, a moral e a política para suas preocupações filosóficas e autobiográficas, embora de forma gradual e pouco afeita à linearidade mnemônica, ela dá continuidade aos enlaces da tradição e, ao mesmo tempo, rompe com as determinações, ao inserir no rol de suas tematizações e tarefas históricas as questões do *feminino*, do gênero e da diferença sexual como objetos de especulações cognitivas. Além da ousadia temática, ela modela uma roupagem textual, servindo-se de um método dialógico de bases ambíguas e antinômicas, em escritos permeados por considerações pouco usuais no horizonte de especulação filosófica:

Teoricamente, como já disse, se escrevesse hoje *Le Deuxième sexe*, daria bases materialistas e não idealistas à oposição entre o Mesmo e o Outro. Fundamentaria a rejeição e a opressão do outro não no antagonismo das consciências, mas na base econômica da insuficiência da oferta em relação à procura. Disse também que o desenvolvimento do livro não se modificaria por isso: todas as ideologias masculinas visam a justificar a opressão da mulher; esta é condicionada pela sociedade de maneira a consentir (*elle est conditionnée par la société de manière à y consentir*) (BEAUVOIR, *TCF*, 1972, p. 497).

Essa forma inaugural, crítica e até paradoxal de seus escritos – pois tanto dá sequência à tradição filosófica, quanto com ela simultaneamente parece romper –, é o que tomo como pressuposto de análise. Com seu método de seguir e de contestar, de retomar e de comentar, Beauvoir inaugura uma forma própria de filosofar e de tornar a filosofia uma prática dialógica de vida. Na interação entre lembrar e escrever, viver por meio da escrita, formas sutis de sustentar a linguagem textual realçam o método filosófico de Simone de Beauvoir que tenta aqui investigar.

1. Variantes interpretativas

Como primeira modulação dessa dimensão dialógica em que os escritos de Beauvoir se sustentam, cumpre enfatizar certas variações interpretativas e, pois, interlocutivas, que

são historicamente relevantes. Tal conversação demonstra-se por distintos meios, desde a evidência da historicidade, chegando ao questionamento do conceito afeito a situações de escrita e intenção autoral. Contudo, o cunho demonstrativo não logra efeito se não podem ser evidenciadas as fendas textuais que colocam em oposição diferentes saberes, como a filosofia e a literatura, a moral e a política, para, em seguida, criticarem-se as dicotomias interpretativas e trazer à cena hermenêutica a performatividade da escrita e da realidade vivida mencionadas por Beauvoir.

Para se pensar as possibilidades da escrita e da vida que ela retrata, explorando a heterogeneidade do discurso beauvoiriano, chamo certas variantes interpretativas à interlocução. Minha intenção é tomar alguns de seus pontos mais destacados e realçar formas dialógicas e de abertura que os textos de Beauvoir oferecem e mesmo pressupõem em alguns âmbitos de leitura.

A perspectiva moral

Sem pretender sustentar tais variações em simples linearidade histórica, Susan Bainbrige tanto entende que Beauvoir esteja preocupada com a questão da identidade (BAINBRIGGE, 2001, p. 56 ss), quanto problematiza uma relação paradoxal entre vida e morte, em verdadeiro projeto *autotanatográfico* (BAINBRIGGE, 2005, p. 18 ss). Segundo tal interpretação, Beauvoir evidencia, em sua autobiografia, uma correlação entre a morte, o *outro*, o feminino, o corpo e o desconhecido. Assim, também um rol de inter-relações entre a impossibilidade de dizer-se toda e a recepção dos leitores é interpretada como parte do projeto *autotanatográfico*. Isso porque a dimensão de *thánatos* parece se sobrepor ao horizonte da vida, do *bíos* propriamente dito, o que se revela de várias formas, seja no fascínio com que o tema da morte frequentemente surge nos seus textos de memória e de ficção, seja na constante alusão à incompletude da escrita e da própria vida. Além do que, como já salientei em outros trabalhos (SANTOS, 2012, p. 426), a relação entre a morte e o feminino se pontua como algo que não pode ser representado a não ser pela figura da alteridade.

Essa variedade de complexas questões nos levam a questionar se Bainbrigge estaria apontando para uma suposta leitura autobiográfica em Beauvoir nos moldes de uma luta contínua contra a evidência da morte. Essa possibilidade se encontraria em *Pour une morale de l'ambigüité* (1947), quando Beauvoir cita Montaigne como forma de certificação da condição primeva das disposições humanas: “a contínua obra da vida é construir a morte” (*c'est bastir la mort*, BEAUVOIR, PMA, 1983, p. 9). Outra possibilidade seria admitir uma latência textual da *pulsão de morte*, tal como entendida por Freud em *Para Além do Princípio do Prazer* (1920); ou ainda uma equivalência face ao *ser-para-a-morte* de Heidegger, em *Ser e tempo* (1927).

De forma clara, a interpretação de Bainbrigge admite contrastes e interligações entre a feminista e a memorialista, o tema da morte surgindo como principal foco nos relatos autobiográficos possivelmente porque, uma vez elevado à condição de escrita, torna-se capaz de vencer a força e a certeza da morte. Acima de tudo, o que se pode entender desse primeiro nível interpretativo é que o projeto autobiográfico seria uma forma de escrita para abater a fragmentação da vida, evidenciando a alteridade em que o feminino se inscreve, e demonstrar que a “totalidade da existência é uma impossibilidade” que só a escrita é capaz de retomar (BAINBRIGGE, 2005, p. 19-20).

A perspectiva de uma *retórica política*

De outra feita, encontramos modelos exegéticos que, apesar de bastante criticáveis, propõem instrumentos interpretativos baseados na fragmentação do vivido e em argumentos buscados e formulados em situações de escrita e de uma intenção autoral específica. Nesse sentido, Deirdre Bair (1986, p. 151) insere os escritos de Beauvoir em um peculiar campo político, para, simultaneamente, recusar-lhe esse *topos* de politicidade. Bair considera bastante ambivalentes as formas de ações políticas de que se serve Beauvoir, alegando que ela “nunca teria escrito nada exclusivamente voltado para a explicação de seus credos políticos” e que teria “negado fortemente seu envolvimento com questões políticas” (BAIR, 1986, p. 150).

A seu sentir, Simone de Beauvoir não ultrapassaria o nível de uma “retórica política”, demonstrando preferência por uma anarquia social e certo distanciamento da realidade em seu entorno (BAIR, 1986, p. 150). Além disso, para a comentadora, Beauvoir teria vivido grande parte de sua vida afastada das questões sobre a Mulher, sem o conhecimento ou contextualização dos acontecimentos feministas, mesmo que se tornando, inusitadamente, o eixo central de tais problemas que ainda afetam o feminismo internacional contemporâneo (BAIR, 1986, p. 156).

Contudo, ousar contra-argumentar, é preciso ter cautela ao se examinar de perspectiva linear certos aspectos e mesmo excertos das memórias de Beauvoir, tentando atribuir-lhes ou recusar-lhes um lugar político por excelência. Mesmo às pesquisadoras que se dedicaram à biografia de Beauvoir, como é o caso de Deirdre Bair (1990), parece escapar a sutileza e a inteligência com que se procede, ao longo dos escritos autobiográficos, a uma costura bastante delicada que entrelaça os fios da memória com outros buscados nos horizontes reflexivos de sagacidade crítica e, sobretudo, autocrítica.

Certamente, é a própria Simone de Beauvoir que, nos textos de memória, relata seu gradual acolhimento das questões políticas, seu inicial isolamento das transitoriedades políticas, as vicissitudes vividas em seu entorno e a forma de recepcioná-las temporalmente. Mas é de um modo sempre sutilmente crítico com relação a sua própria história e, em especial, à história representada por suas memórias, que tais fatos são por nós conhecidos e congregam tantos nomes, feitos e dados. Não fosse pela forma complexa e pelo método que ela adota em suas obras autobiográficas, esse tipo de interpretação dificilmente seria possível à luz de quadros realistas e temporalizados.

Curiosamente, esse fato parece escapar a boa parte das intérpretes que se sentem impelidas a ler os textos de memória para deles extrair fases apolíticas de Beauvoir. Bair, entre outras, parece desconsiderar o gesto performativo e o teor de ambiguidade da escrita beauvoiriana, que sempre trata de si em perspectiva avaliativa, apontando falhas morais e políticas com base em situações de análise que lhe permitem ver a si própria em momentos distintos: no instante da experiência vivida e trazida à memória, e na ocasião de recuperação da memória sob a tônica valorativa do momento da escrita. Isso fica claro quando, por exemplo, ela escreve:

A situação de um país depende de sua história e da história do mundo; eu era, portanto, tributária dos acontecimentos (*j'étais donc tributaire des événements*): recusava-me a interessar-me por eles. Estava mais ou menos informada do que ocorria, mas com muito pouco envolvimento. Para dar uma ideia exata de minha vida, deveria ter precisado melhor, em *La force de l'âge*, a extensão de minhas ignorâncias. Um indivíduo se define tanto – e às vezes até melhor – por aquilo que lhe escapa como por aquilo que ele atinge (BEAUVOIR, 1972, *TCF*, p. 32-33).

A performatividade de tais textos não deveria ser desconsiderada por um olhar talvez desatento à perspicácia da escrita. Beauvoir traz a lucidez de um método na recuperação da vida pela memória. Seus textos autobiográficos fluem no movimento específico de definição de um elemento-eixo, jamais definido *a priori*, que se consagra por meio das experiências vividas e narradas, enquanto um semblante de subjetividade política consagrada pela própria escrita. Na elaboração textual, os juízos se formulam e a função dialógica com o leitor se manifesta. Ela o faz sob o diapasão crítico de si, mas por meio de sua autodeterminação, de sua autonomia presente na condição e no ato de escrever. Por isso, escrever e viver são correlativos em seu propósito filosófico, pois a dimensão de interlocução se efetiva não apenas sobre a realidade, sobre a força da história, mas sobre si mesma inserida em situações históricas que simbolizam formas e contextos vividos. Beauvoir insiste sempre em tecer sobre si juízos de valor:

Como já disse, entre 1929 e 1930, toda a esquerda francesa sofria de ceticismo político. Era fácil para mim participar disso, porque não sentia a repressão da história a ponto de incomodar-me. E queria não ver: queria acreditar que nada jamais poderia ameaçar minha felicidade (*rien, jamais, ne pourrait ébranler mon bonheur*) (BEAUVOIR, *TCF*, 1972, p. 33).

Embora o texto de Bair seja de 1986, sua forma de pensar, inclusive após sua densa obra biográfica sobre a filósofa, continua como um cânone para os modelos interpretativos, habilitando paralelamente, devido a suas fendas valorativas, veios críticos na recepção dos escritos autobiográficos, inclusive na interlocução de Beauvoir com a esfera política.

Da perspectiva de uma política pouco usual

No âmago das possibilidades políticas, a interpretação de Sonia Kruks é certamente relevante e bastante distinta da posição de Bair, não porque enalteça o texto de Beauvoir,

mas porque nele pontua questões expressivas de uma forma perspicaz. Para Kruks, o trabalho de Beauvoir é “profundamente original e significativo” e suas ideias têm até hoje forte impacto em termos políticos. Isso se deve ao fato de que seus escritos tratam de vários pontos que estimulam não apenas (teóricos) acadêmicos, políticos e filósofos, como também críticos sociais e ativistas políticos (KRUKS, 2012, p. 3). Suas obras morais, presentes nos textos de juventude, foram escritas durante a ocupação nazista, assim como num período de pós-turbulência, refletindo sobre as condições maniqueístas dos acontecimentos e suas valorações. Se tais escritos não se construíram como uma política convencional (*politics as usual*), eles na verdade se voltam para um mundo tal como o retrata o *Guernica* de Picasso, um mundo que não está preocupado com as *políticas governamentais* ou com o *eleitorado*, mas um mundo no qual se evidenciam *torturas e destruições*. Sobre tais situações, as análises de Beauvoir colaboram muito para clarear o que se apresenta em obras de “*politics as usual*” (KRUKS, 2012, p. 12).

Ainda para Kruks, especialmente no artigo *Oeil pour oeil*, publicado em 1946, Beauvoir, ao analisar o colaboracionismo francês durante a ocupação nazista, firma sua posição frente à pena de morte, assim como sobre a relação entre criminosos e vítimas num sistema injusto de leis burguesas, do qual ela mesma se beneficia e tem consciência dos limites para poder julgá-lo (KRUKS, 2012, p. 158). Contudo, é sob a *ocupação* que ela entendeu ter seus sentimentos alterados e mesmo perturbados de forma dramática, quando muitos se sentiram impelidos a aprender a odiar:

O ódio, com efeito, não é uma paixão por capricho (*la haine, en effet, n'est pas une passion de caprice*); denuncia uma realidade escandalosa e reclama imperiosamente que esta seja apagada do mundo. Não se odeia o granizo, nem a peste; só se odeiam os homens, e não enquanto causas materiais de um desgaste material, mas enquanto autores conscientes de um verdadeiro mal (*d'un véritable mal*) (BEAUVOIR, *OPO*, 2008, p. 90).

Embora, como bem ressalta Kruks, ela não tenha sido vítima direta do que denominou “*le mal absolu*”, soube analisar o desejo de vingança fenomenologicamente, para revelar seu sentido existencial e suas implicações, sem tentar denegri-lo, para procurar suas causas, e sem tentar deslocar seu sentido para um “desejo de potência”, tal como descreve Nietzsche (KRUKS, 2012, p. 159). Beauvoir reserva o termo *punição* para se referir ao que lhe parece ser pura *retaliação*. Isso ocorre quando, no ímpeto de uma

situação histórica que condiciona a vingança, indivíduos específicos se atribuem direitos tais quais os que se instrumentalizam em situações descritas em *Oeil pour oeil*. Não havendo justiça em tais formas políticas e morais de tratamento, ela deixa às discussões contemporâneas novas possibilidades acerca de modos punitivos. Tomando os princípios de análise de Beauvoir, quando se pensa estar protegendo a sociedade de feições criminosas, acaba-se na verdade por fazer uso de justificações utilitaristas (KRUKS, 2012, p. 160).

Contudo, ainda segundo Sonia Kruks, os argumentos de Beauvoir sempre apresentam os contornos de uma filosofia da ambiguidade. Entre suas análises, a questão do *privilégio* é um tema fundamental. A opressão de um grupo social geralmente confere privilégios a um outro grupo (KRUKS, 2012, p. 23) e o fato pode ser visto não apenas na análise de acontecimentos específicos, mas de forma generalizada, nas formas de opressão racial e nas questões de gênero. Alguns projetos atuais, a seu sentir, merecem ser criticados, tomando as análises de Beauvoir em consideração, justamente porque táticas específicas de presunção atribuem a alguns uma forte autonomia e incapacitam outros a promover e a reconstruir sua liberdade.

A obra autobiográfica de Simone de Beauvoir examina justamente essas condições, contestando privilégios pessoais e políticos, como no caso da política de intervenção francesa na Argélia. O ponto central das análises é justamente a dimensão de ambiguidade que então se apresenta na forma como alguém pode chegar a um juízo de valor cujas bases seus atos manifestam (KRUKS, 2012, p. 23). Está-se, pois, diante de um pensamento político realista, sem margens de cinismo, que aceita as falhas humanas, sem, contudo, deixar-se levar por frustrações ou desespero (KRUKS, 2012, p. 25). Kruks entende que, desde o período dos textos morais até *o Segundo Sexo*, evidencia-se a insistência de Beauvoir na ambiguidade humana, que ressoa com vários tons em toda a sua obra. De fato, “uma metáfora musical” revela-se possivelmente útil ao se tentar capturar a maneira de pensar de Beauvoir: “Ambiguidade é o tema central no qual, com o tempo, ela desenvolve um conjunto de variações” (KRUKS, 2012, p. 21).

O paradoxo moral: o feminismo como tema filosófico

De forma difusa, sem jamais rejeitar a singularidade de cada base interpretativa, o campo exegético como um todo não desconsidera a polêmica relação de Beauvoir com as bases paradoxais da moral e da política, tendo o feminismo como reflexo de tais eixos. Seja de forma ambivalente, como quer Bair (1986 e 1990), seja de forma incisiva e polêmica, como demonstram feministas como Alice Schwarzer (1983), para a qual Beauvoir dava respostas às mesmas questões que hoje ainda são propostas pelas feministas (*Beauvoir gibt Antworten auf genau die Fragen, die wir uns heute wieder stellen*, SCHWARZER, 2008, p. 13), seja ainda para pesquisadoras com grande preocupação política, como Sonia Kruks (2012), essa relação sempre se sustenta nos quadros da hermenêutica beauvoiriana. Não que o tema do feminismo resplandeça como forma de repercutir entre moral e política, mas torna-se em Beauvoir o ponto nevrálgico de vários estudos e análises que visam a discutir a condição de universalidade ou de masculinidade da cultura. Nesses termos, vinculando ciência, política, moral e feminismo, Beauvoir conclui ser “necessária uma revisão do saber, não seu repúdio (*non sa répudiation*)” (BEAUVOIR, *TCF*, 1972, p. 508).

Sua filosofia e suas atividades como feminista têm tocado tanto as esferas acadêmicas, quanto as não-acadêmicas, como observa Susan Bainbrigge (2005, p. 10). O que indica a vivacidade contínua de seus escritos, permeados por complexos suportes teóricos, cujo objetivo maior é sua verificação na prática. Assim, também o fascínio provocado por sua vida e seus textos, por sua autobiografia e seus ensaios, molda-se como testemunho da importância de sua contribuição para o pensamento feminista e para o questionamento e reavaliação dos cânones literários, políticos e filosóficos. Beauvoir teria, pois, elevado o feminismo à condição de um tema filosófico, o que lhe teria valido imensas críticas de todo gênero e espécie.

Na reflexão sobre questões morais e políticas, o peso da história é ponto de relevo nos escritos de Beauvoir. Ao fazer, em *Tout compte fait*, uma análise dos acontecimentos políticos que envolveram teorias e práticas de ação desenvolvidas pelo feminismo do final dos anos 60, novas formas de ver o mundo passam se configurar. Entrecruzando diversas correntes feministas tanto na França quanto nos EUA – as manifestações do *MLF* (*le Mouvement de libération des femmes*) e as teorias publicadas no final dos anos 60, com as

obras de Friedan, Millet, Firestone e Greer, entre outras –, Beauvoir entende que verdadeira guinada epistemológica, em âmbito moral e político, se configurava: “O que essas mulheres reivindicam não é uma emancipação superficial, mas a ‘descolonização’ da mulher (*la ‘décolonisation’ de la femme*), porque se consideram ‘internamente colonizadas’ ” (BEAUVOIR, *TCF*, 1972, p. 503).

De fato, Beauvoir concatena, no capítulo VIII dessa sua autobiografia, publicada em 1972, as explosões políticas a que o feminismo se aliou e que se originaram de “duas razões principais”, quais sejam,

A primeira é que, numa sociedade capitalista desenvolvida, a condição das mulheres – economicamente muito vantajosa do ponto de vista dos homens – a seus olhos representa uma contradição. O trabalho doméstico, numa sociedade baseada na produção de mercadorias, não é considerado um trabalho real: para que se tornasse tal, teria de ser convertido em produção pública. (...) A segunda razão, a mais importante, é que as mulheres constataram que os movimentos de esquerda e o socialismo não resolveram seus problemas. Mudar as relações de produção não é suficiente para transformar as relações dos indivíduos entre eles, e, especificamente, em nenhum país socialista a mulher se tornou igual ao homem (*dans aucun pays socialiste la femme n’est devenue l’égale de l’homme*) (BEAUVOIR, *TCF*, 1972, p. 503).

Vale então problematizar essa dimensão dialógica com a vida, com os escritos, *sob o signo da história*. Transitando de um referencial *naïf* em busca de felicidade, experimentando um certo ceticismo intelectual diante do mundo, Beauvoir, nos fios da memória, passa a esboçar uma interlocução política viva, na qual o feminismo torna-se o ponto central. Sua percepção moral e política dos acontecimentos, a qual equivale, para Bainbrigge, à relação entre identidade e morte, fragmentação e alteridade, torna-se, em *Tout compte fait*, um elemento de comunicação com as mudanças da sociedade e com a reinterpretação do feminismo.

Nesse processo de interlocução que os elos interpretativos propiciam, ressalta a dimensão paradoxal dos escritos e dos temas tratados, em que situações distintas e antagônicas se chocam. Na medida em que se apoia na consciência de sua “presença no mundo” (*sur la conscience que j’avais de ma présence au monde*, *TCF*, p. 512), Beauvoir deixa claro não pretender ter ressuscitado “os reflexos das sensações”, ou captado “em palavras o mundo exterior”. Se sua pretensão, em seu projeto autobiográfico, é fazer-se existir para os outros, comunicando-lhes “da maneira mais direta” (*de la manière la plus*

directe) o sabor de sua própria vida, entende ela ter alcançado seu objetivo (BEAUVOIR, TCF, 1972, p. 513).

Mas se o percurso autobiográfico exige uma acuidade de visão, parece necessário que se investigue sua forma, o método com que a filósofa passa a escriturar sua leitura crítica do mundo e de si mesma, inserida nos contextos vividos e relatados. É preciso passar então, num segundo momento e em novo nível de leitura, a identificar **métodos** possíveis que sobressaem em seus textos, para verificar como, em sua trajetória narrativa, meios, modos e formas realçam a tonalidade original e profunda de seus escritos. O método é o que permite assim reconhecer como as questões ora analisadas se apresentam na filosofia dialógica de Simone de Beauvoir, em níveis específicos de abstração e de complexidade, realçando sua capacidade crítica e seu contínuo esforço para organizar os conhecimentos ao seu redor e adaptá-los à realidade vivida de e em seu tempo – e, especialmente, no tempo da escrita. Ela menciona

No entanto, conservo o desejo de continuar a ‘dizer’ o mundo e minha vida. Não gostaria de perder a impressão exaltante que às vezes a literatura ainda me dá: ao criar um livro, criar-me a mim mesma na dimensão do imaginário (*me créer moi-même dans la dimension de l’imaginaire*) (BEAUVOIR, TCF, 1972, p. 152).

Seu incansável trabalho em problematizar se os dados de que dispõe em seu entorno – seja em forma teórica, seja em forma experimentada e nas práticas de ação – podem ser colocados sob o mesmo plano avaliativo, num mesmo nível de abstração e complexidade, dá a seus escritos um referencial metodológico bastante singular.

2. Variantes metodológicas

Numa segunda modulação dialógica, cumpre apontar como Simone de Beauvoir trata os dados de uma forma elaborada, para chegar a processos de raciocínio lógicos, sem necessariamente fabricar sistemas de coesão com respostas prontas e intangíveis. São múltiplos os critérios de que se serve para construir seu método filosófico, incluindo o critério *histórico*, o *antropológico*, o *ético-político* e, sobretudo, o *feminista*, que engloba todos os demais.

O critério *histórico* constitui uma demarcação histórica face à filosofia, dando-lhe movimento, temporalidade, no intento de incitar os meios e os pressupostos reflexivos, de elaborar interpelações claras que reportem a distintas configurações de ideias e possam ampliar saberes para se raciocinar de forma lógica, clara e evidente. Na forma como Beauvoir faz uso de tal critério, trata-se de um meio através do qual, sabendo ter estado, em algum momento da história, presa “na armadilha do maravilhoso” (*dans les panneaux du merveilleux*), ela tenta não mais se deixar reger por simulações, desvencilhando-se “dos mistérios, das miragens, dos mitos, para olhar o mundo de frente” (BEAUVOIR, FA, 1984, p. 258).

O critério *antropológico* versa sobre as possibilidades transculturais sobre as quais se debruça Beauvoir, para descrever como situações mais íntimas da vida social podem ser vividas de modos distintos ou recusadas como indiscutíveis por simples disposição cultural.

Somente um motivo houvera pesado bastante para convencer-nos a infligir-nos esses laços que dizem legítimos: o desejo de ter filhos; não o sentíamos (*nous ne l'éprouvions pas*). A esse respeito tantas vezes me inquiriram, tantas perguntas me fizeram, que quero explicar-me (BEAUVOIR, FA, I, 1984, p. 90).

Tal critério trata também de seu próprio estilo de vida – relatado em sua autobiografia –, que se mostra como uma escolha não-convencional numa época que qualificou tais escolhas como ousadia, escolhas que serviram para referendar posturas deontológicas da condição feminina em meados do século XX.

Nenhum fantasma afetivo me incitava, pois, à maternidade. E, por outro lado, ela não me parecia compatível com o caminho pelo qual eu enveredava; sabia que, para me tornar escritora, tinha necessidade de muito tempo e de uma grande liberdade (*de beaucoup de temps et d'une grande liberté*) (BEAUVOIR, FA, I, 1984, p. 91).

O critério *ético-filosófico* tem relação com o caráter distintivo de sua filosofia, sempre constituída em bases específicas de ambiguidade, como uma maneira de cindir laços dicotômicos firmados no percurso lógico-racionalista. Mas, sobretudo, as bases ambíguas e mesmo paradoxais por ela utilizadas servem de enfrentamento às vias utilitaristas e patriarcais da história. Em seus escritos, em especial em *Le Deuxième sexe*, evidencia-se a ideia de relações entre saberes e ações, costumes e imposições. Seus valores

ético-políticos se explicitam também como método e como estratégia, com o mérito de enfrentar os problemas e questioná-los sob o foco da escrita, sempre de forma crítica, evidenciando juízos pretéritos e aqueles firmados à luz da construção textual. Beauvoir assevera:

que a mulher seja fabricada pela civilização, e não biologicamente determinada, é um ponto que nenhuma feminista coloca em dúvida. Elas (feministas) se afastam de meu livro no plano prático: recusam-se a confiar no futuro, querem desde já dirigir seus destinos. Foi nesse ponto que mudei: dou-lhes razão (*je leur donne raison*) (BEAUVOIR, TCF, 1972, p. 504)

De outra feita, Eva Gothlin entende que, se a obra *Le Deuxième sexe* pode ser lida como “um estudo fenomenológico da mulher”, podendo-se identificar como realmente característico de sua filosofia a “sua orientação ética” (GOTHLIN, 2002, p. 113). No seio dessa característica “o aspecto ético do apelo” é forma de concepção da comunicação e das relações humanas e que, desde o ensaio *Pyrrhus et Cinéas*, de 1944, já se esboça como fator preponderante de voltar-se para o *outro*, sempre num “reencontro de vozes” e de relações conflituosas, como próprias do ser humano (GOTHLIN, 2002, p. 120). Sua ética, é pois, a ética do diálogo e de contínua preocupação com as relações humanas.

Finalmente o critério *feminista*, que penso abarcar os demais, ganha o primeiro plano a partir das análises levadas a cabo em *Le Deuxième sexe* e continua nos escritos autobiográficos, conferências e entrevistas. No final dos anos 40, Beauvoir inicia seu processo de trazer para o campo das reflexões filosóficas o tema do feminino e da complexidade (performativa) de *ser* mulher, enquanto um tópico dialógico e interdisciplinar que se volta a problematizar a cultura e a questionar modelos prontos e intangíveis, muito além de expressões ontológicas estipuladas *a priori*. Suas contínuas indagações giram em torno de várias questões que poderiam ser pensadas como chaves de leitura, para que o leitor identificasse razões para sustentar ou recusar modelos tradicionais da cultura. Ela admite:

Que a mulher seja fabricada pela civilização e não biologicamente determinada (*que la femme soit fabriquée par la civilisation et non biologiquement déterminée*), é um ponto que nenhuma feminista coloca em dúvida (...). E espanta-me que a exploração da mulher seja aceita com tanta facilidade (*soit si facilement acceptée*)” (BEAUVOIR, TCF, 1972, p. 504-505).

A superfície paradoxal do feminismo no método da escrita

Tais requisitos, contudo, não terminam por firmar sua escrita em alicerces sistêmicos e emoldurados; antes demonstram sua exigência por clareza, mas, acima de tudo, por uma possibilidade de indagar de novo acerca das vias investigativas e de dar forma ao encontro individual com problemas concretos e suas possibilidades de escolha.

Como ressalta Karen Vintges (1996), Beauvoir não pretende prescrever normas morais que incitam respostas na textura indagativa da existência de outrem. Métodos são propostos, embora para ela não existam leis fixas, mas apenas regras procedimentais que ajudam a encontrar um caminho existencial. Os valores assumidos e confrontados em cada situação de vida podem propiciar ao indivíduo soluções distintas em momentos diferenciados que se chocam com os de outrem. Contudo, ao se agir contra ou a favor de outrem, estabelece-se um vínculo dialógico, que leva o indivíduo a se questionar em seus atos e ações perante os outros, e a modelar para si condutas éticas, firmadas em hábitos que dependem de se saber con-viver. O intento autobiográfico de Beauvoir seria, assim, uma demonstração desse propósito: como mulher, feminista, filósofa, ela modela regras e condutas, críticas e análises, questionando o lugar do feminino na cultura. Nas suas próprias palavras,

considerando as democracias antigas, profundamente ligadas a um ideal igualitário, custa conceber que a condição de escravas lhes tenha parecido natural: aparentemente, a contradição deveria ter-lhes saltado aos olhos. Talvez um dia a posteridade venha a perguntar-se, com a mesma perplexidade, como democracias burguesas ou populares puderam manter sem escrúpulos uma desigualdade radical entre os dois sexos (*une radicale inégalité entre les deux sexes*) (BEAUVOIR, TCF, 1972, p. 505).

Dessa forma, a relação entre filosofia e feminismo torna-se efetiva, sempre usando de um método peculiar, com o qual Beauvoir se permite transitar entre teoria e práxis, regulando meios, linguagem e assertivas críticas. Se parecem indefinidas suas opções terminológicas, se não se fazem transparentes as tarefas históricas que a humanidade deveria aceitar, se ela questiona critérios de orientação moral e política, como em *Pyrrhus et Cinéas* (1944), *Idealisme moral et realisme politique* (1945), *L'existentialisme et la sagesse des nations* (1945), *Oeil pour Oeil* (1946) e, finalmente, em *Le Deuxième Sexe*

(1949), é justamente a ênfase na impossível totalidade do ser, na fragmentação e nas variações de um dever ser que se apresentam em seus textos, causando polêmicas interpretativas. Contudo, ao lado de tematizações científicas, históricas, antropológicas, políticas e morais, a questão do gênero e o feminismo assumem um mérito filosófico que referenda seu alicerce dialógico.

Beauvoir mesma salienta:

Eu não me considerava uma filósofa; sabia muito bem que minha facilidade em penetrar um texto vinha principalmente de minha falta de imaginação. Nesse terreno, os espíritos verdadeiramente criadores são tão raros que é inútil indagar de mim mesma por que não tentei conquistar um lugar entre eles; fora preferível explicar como certos indivíduos são capazes de elaborar bem esse delírio concertado que é um sistema, e de onde lhes vem a obstinação que dá a suas concepções o valor de chaves universais. Já disse que a condição feminina não presdispõe a esse gênero de obstinação (*que la condition féminine ne dispose pas à ce genre d'obstination*) (BEAUVOIR, FA,I, 1984, p. 255).

O método por ela utilizado é constituído por sua própria trajetória na preparação dos argumentos a serem postos em exame, o que lhe permite amadurecer tanto os próprios argumentos quanto os critérios epistemológicos, na medida em que ela vai conhecendo e definindo os principais atributos críticos que a formulação da escrita vai-lhe propiciando. Nada é por ela tomado *a priori* ou validado terminantemente no final da pesquisa. A constância de viver, de experimentar, de refletir sobre as condições e situações vividas e o ato de escrever o que a memória lhe permite retomar e ressignificar é o que lhe proporciona um caminho, certamente dotado de variadas condições de ambiguidade, que configuram um método paradoxal. Para tanto, Beauvoir não segue uma via arbitrária ou irrefletida, mas utiliza uma metodologia que busca na realidade vivida os instrumentos de verificação do que ela entende ser relevante e válido. As escolhas, os valores são seu instrumental mais significativo.

3. O método crítico

Na sequência de compreensão do método, sob a tônica do critério feminista, mas em conexão com os demais aspectos, realço nos escritos de Beauvoir incitações, contribuições

e estímulos que podem ser tomados como um aporte teórico, o qual não se apresenta apenas por meio das teses levantadas pelas vozes históricas do existencialismo e da literatura engajada no pós-guerra na França, ainda que, sem dúvida, ela lhes tenha imprimido vivacidade. O importante, contudo, é sublinhar o modo de análise em profundidade, com incansável impulso ao questionamento e à reavaliação de valores e condutas, que Beauvoir nos legou. Essa contínua apreciação axiológica faz com que seus textos sejam alvo de crítica, de desprezo, de cópias, de falseamentos, assim como o ponto de partida para novas análises. Logo no prefácio de *La force de l'âge*, ela escreve:

Talvez esta exposição ajude a dissipar certos mal-entendidos que separam sempre os autores de seu público e cujo dissabor senti muitas vezes; um livro só adquire seu sentido verdadeiro quando se sabe em que situação, em que perspectiva foi escrito e por quem. Gostaria de explicar os meus, falando aos leitores de pessoa a pessoa (*en parlant aux lecteurs de personne à personne*) (BEAUVOIR, FA, I, 1984, p. 6).

Desafiando as formas tradicionais de escrever filosofia, de escrever sobre a vida e a morte, sobre a juventude e a velhice, sobre sexualidade e moralidade, sobre movimentos feministas, sociais, estudantis, manifestações políticas em geral e sobre o próprio desafio de escrever sobre si mesma como *outro* de si que se analisa e critica, Simone de Beauvoir retoma e ressignifica temas e modos de recepção da literatura e da filosofia no século XX, enquanto questões de relevo que chegam até nós. A partir da escrita, sua identidade feminista e filosófica vai-se configurando, mesmo que fluida, mesmo que jamais estanque, pois segue sempre a performatividade da vida.

Como ressalta Sonia Kruks, Beauvoir trabalha em conformidade com um modelo que pode ser tratado de “musical”, em que um tema é repetido várias vezes, mas de forma alterada, variando as perspectivas. É como se dá esse processo que passo agora a avaliar, lendo alguns dos tópicos por ela tratados em sua condição temática e em sua variação metodológica, como um método de encaminhamento ou uma codificação de leitura particular de um sistema de interpretação. Tais tópicos devem então dirigir o leitor a novas concatenações que façam reluzir a forma com que são conduzidas as análises temáticas nos escritos beauvoirianos.

Tópicos metodológicos

O primeiro deles é o da *alteridade* feminina enquanto preocupação filosófica. A alteridade tanto é tema que viabiliza a interdisciplinaridade dos modos elucidativos sobre seus escritos – conforme já mencionado anteriormente –, quanto é tópico que explicita o paradoxo como método textual de seus argumentos. Trata-se de um princípio estrutural na compreensão de tantas obras, em especial *Le Deuxième sexe*. Pode-se ler bem na introdução:

E, em verdade, basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos (*les yeux ouverts pour constater que l'humanité se partage en deux catégories d'individus*), cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes: talvez essas diferenças sejam superficiais, talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem com uma evidência total (Beauvoir, *LDS*, I, 1986, p. 13).

Beauvoir não tece aqui assertivas essencialistas nem ontológicas, nem mesmo reducionistas. Embora a célebre frase da Introdução da obra – “o que é uma mulher?” – lhe enseje variadas interpretações, inclusive metafísicas, nada há de *ontológico*¹ em sua preocupação. Ela não está à procura de um método que lhe propicie um sentido último para a “essência” feminina. Constata apenas a existência daquilo que se lhe aparece e tenta então compreender o seu sentido e sobre ele estabelecer critérios de ações éticas, conformando novos modelos antropológicos em bases críticas. Tal leitura ainda se faz, na introdução da obra, enquanto um referencial metodológico, válido tanto no desenvolvimento desse ensaio publicado em 1949, quanto nos escritos posteriores que com ele dialogam, seja de forma implícita ou explícita, tal como em *La force de l'âge*:

Sei que lendo esta biografia certos críticos vão triunfar: dirão que desmente brutalmente *Le deuxième sexe*, já o disseram a propósito de minhas memórias. É que não compreenderam meu velho ensaio e talvez mesmo dele falem sem o ter lido. Escrevi porventura algum dia que as mulheres eram homens? Pretendi não ser uma mulher? (*Ai-je prétendu que je n'étais pas une femme?*) Meu esforço foi, ao contrário, o de definir em sua particularidade a condição feminina que é minha. (BEAUVOIR, *FA*, II, 1985, p. 418).

¹ Sobre aspectos ontológicos, leva-se em consideração toda a complexidade do termo, mas, em especial, um tratamento do *ser* concebido como tendo uma natureza comum e inerente a todos e a cada um, ou mesmo como uma expressão substancialista, em moldes aristotélicos (Aristóteles, *Met.* VII 3, 1029a 5-7).

Simone de Beauvoir prepara em bases puramente dialógicas e, pois, paradoxais, seu campo de questionamento introdutório, pois transita de uma interlocução a outra, verificando com atenção os argumentos múltiplos sobre a condição feminina. Sua demonstração de amplo conhecimento das características da antropologia, da ética e da política, em especial do Ocidente, torna possível um percurso por temas e épocas históricas distintas, o qual se desenvolve em diferentes dimensões, abrangendo o imaginário cultural e os elementos historiográficos mais significativos. Afirma ela:

Não é evidentemente a realidade que dita à sociedade ou aos indivíduos a escolha entre (os) dois princípios opostos de unificação; em cada época, em cada caso, sociedade e indivíduos decidem de acordo com suas necessidades (*société et individu décident d'après leurs besoins*). Muitas vezes projetam no mito adotado as instituições e os valores a que estão apegados (BEAUVOIR, *LDS*, I, 1986, p. 397).

Contudo, como observa Maria de Fátima Silva (2011, p.75), mesmo sem se “deter no rigor das informações”, Simone de Beauvoir percorre “um vasto conjunto de matérias e testemunhos, que, na sua diversidade e policromia, se fundem na motivação que os coordena”. Desde a implícita indagação sobre “o que pensavam os Gregos sobre a mulher?”, percorrendo passagens míticas e literárias, para construir uma metodologia que “ultrapassa em seu texto o caráter teórico e especulativo e se volta para a prossecução da isonomia entre os gêneros” (SILVA, 2001, p. 74), Beauvoir demonstra a importância da história na *construção* da situação contemporânea da mulher e das questões de gênero. Para a helenista portuguesa, a fonte metodológica principal em *Le Deuxième sexe* seria a Antiguidade grega, como uma *arché* historiográfica e antropológica que Beauvoir toma como campo dos “elementos que utiliza”. Ressalte-se, quando ao método, que ela cita de cor, “sem uma remissão, na maior parte dos casos”, como “testemunho de uma convivência estreita com essas fontes, que se citam com a segurança que dá uma proximidade permanente, e com a certeza do eco que se encontra nos destinatários a quem a obra se dirige” (SILVA, 2011, p. 76).

Ensaio como *Le Deuxième Sexe* seriam assim um foco paradoxal de ambíguas possibilidades interpretativas, que só o método é capaz de elucidar, como meio de demonstrar como o imaginário de seus seguidores e detratores lhe propiciam uma recepção

de valor. Contudo, Beauvoir não apenas lê a história, mas sabe analisar aspectos distintos e específicos utilizando diferentes metodologias, como a antropológica. Nesse campo, ela constrói novas bases interpretativas e, inclusive, formas para rechaçar qualquer “pretensão antropológica em considerar que os fatos humanos possam carecer de significado”, chegando mesmo a insistir em “estabelecer um sistema de interpretação e um método que lhe permita sugerir especulações”, tratando de extrair “ideias sobre o lugar das mulheres ao redor do mundo” (TARDUCCI, 2011, p. 23).

4. Da axiologia das irresoluções

De um segundo foco, que se apresenta como um tópico *valorativo* – o qual surge como um ponto capaz de agregar pressupostos morais, éticos e políticos –, sua crítica tenaz nos leva a reconhecer o valor da realidade em moldes paradoxais, os quais se mostram constitutivos da condição humana. Diante da recepção de seus próprios textos, não se deveria perscrutar simples configurações contraditórias de ser ou de dever ser, ou formas passíveis de superação de oposições ou de irresoluções existenciais. Depara-se sim com um pensamento filosófico em *situação*, em que se apresentam, se discutem, se ampliam, se refutam dialogicamente conceitos e princípios.

Sonia Kruks alega que Beauvoir não sugere uma “solução” para os impasses, em termos de um harmônico meio termo ou de uma síntese benigna das condições em conflito. O que ela propõe é que se leve em conta que a existência humana é intrinsecamente cindida por ambiguidades e tensões, as quais não se submetem a uma solução de síntese. De um lado, os erros sempre acompanham as ações humanas e, de outro, essa constatação não pode se tornar uma justificativa para a inércia de cada indivíduo e também da coletividade (KRUKS, 2012, p. 5). Dá-se razão a Kruks. Bem antes de *Le Deuxième sexe*, alguns ensaios filosóficos já se faziam esboçar e, neles, princípios e conceitos se entrelaçam, moldando a condição metodológica da interlocução. Assim, em *Pyrrus et Cinéas*, Beauvoir comenta:

Não se trata, como acredita Hegel, de fazer reconhecer em nós a pura forma abstrata do eu; é meu ser no mundo que pretendo salvar, tal como ele se realiza em meus atos, em minhas obras, em minha vida; é apenas através desses objetos que faço existir no mundo que posso me comunicar com outros (*que je peux communiquer avec autrui*). Se nada faço existir, não há nem comunicação nem justificação (BEAUVOIR, *PC*, 1983, p. 339).

Pode-se aqui constatar uma encruzilhada moral e cognitiva. Destaca-se a busca de um transcender as limitações humanas, contudo há a evidência da necessidade e importância dos laços entre o eu e o outro; assim, a percepção da fragilidade humana torna-se evidente. Mas a relação com outrem merece ser problematizada em seu contexto paradoxal e por meio de um método que realce justamente o paradoxo.

Paradoxos em situação

Também com relação a essa dimensão paradoxal que subjaz à metodologia de Simone de Beauvoir, certos elementos axiológicos demonstram como seus escritos se destacam por um desenho não-restritivo dos conceitos. De fato, Beauvoir não pratica uma leitura perversa de princípios que se forjariam somente após terem sido fixados os termos da situação à qual se incorporam. Ela parece apontar para a dimensão paradoxal da existência como algo que não se integra ao método dialético, como o que não se permite ser negado ou superado. Em *La force de l'âge* ela escreve:

Mesmo assim, dando um balanço nesses anos, parece-me que me deram muitíssimo: tantos livros, quadros, cidades, tantas fisionomias, ideias, emoções, sentimento! Nem tudo era falso (*Tout n'était pas faux*). Se o erro é uma verdade mutilada, se a verdade só se realiza pelo desenvolvimento de suas formas incompletas, compreende-se que, mesmo através de mistificações, a realidade consiga abrir passagem. A cultura imperfeita que adquiri era necessária à sua própria superação (BEAUVOIR, *FA*, II, 1985, p. 415-416).

Entre *Pyrrus et Cinéas* e *Le Deuxième sexe* – bem como entre tais obras e as autobiográficas –, formas intercambiantes anunciam tal dimensão paradoxal que promove e ressalta a condição em que transita a existência humana. Como modo de ilustrar melhor essa questão, pode-se trazer à tona os conceitos por ela utilizados e, entre eles, o conceito beauvoiriano de *liberdade*. A liberdade é justamente a pontuação paradoxal das relações

humanas. Tomo novamente *Pyrrus et Cinéas*, para em seguida verificar o que se encontra em *Le Deuxième sexe*. Na obra de 1944, Beauvoir escreve:

O respeito pela liberdade de outrem não é uma regra abstrata: é a condição primeira do sucesso de meu esforço. Posso apenas apelar para a liberdade de outrem, não coagi-la (*Je peux seulement en appeler à la liberté d'autrui, non la contraindre*); posso inventar os apelos mais prementes, esforçar-me para encantá-la; mas, diante do que quer que eu faça, ela permanecerá livre para responder ou não a esses apelos (BEAUVOIR, *PC*, 1983, p. 358).

O reconhecimento que se espera de outrem, segundo Beauvoir, é que os indivíduos possam validar reciprocamente os atos humanos. Contudo, não se pode tomar o *outro* como justificativa da vida do *eu*, em busca de realização de seus projetos. Não se toma também o *outro* como obstáculo ou se estaria diante de “um mau cálculo”, diante de exigências assumidas por um como válidas e por outros como destituídas de sentido (BEAUVOIR, *PC*, 1983, p. 358). O teor paradoxal que o conceito de liberdade registra em Beauvoir só faz ampliar as possibilidades de compreensão de seu sentido.

Em *Le Deuxième sexe*, Beauvoir pondera: “O fato que determina a condição atual da mulher é a sobrevivência obstinada (*c'est la survivance têtue*), na civilização nova que se vai esboçando, das tradições mais antigas” (BEAUVOIR, *LDS*, I, 1986, p. 231). Isso significa que, de acordo com Michel Kail, se identificam em seus textos “graus de liberdade”, com a devida aproximação do conceito desenvolvido por Merleau-Ponty, que torna “indecisa a fronteira entre uma ação livre e uma ação cerceada” (KAIL, 2008, p. 69), ou seja, há um “continuum de situações diferentes nas quais certa liberdade é possível” (KAIL, 2008, p. 70). Tal condição de incerteza e imprecisão é, segundo o mesmo comentador, uma assimilação, por parte de Beauvoir, das noções da física que se lhe mostravam à altura de responderem a uma metodologia mais eficaz e contemporânea das exigências de reflexão do século XX.

Essa leitura paradoxal – inovadora e ao mesmo tempo respeitosa dos critérios estabelecidos pela ciência – pode ser percebida em toda a obra de Beauvoir. Já na introdução de *Le Deuxième sexe*, encontram-se pontuações nesse sentido: a condição de abstração face ao mundo nos é própria, mas “o fato é que todo ser humano concreto sempre se situa de um modo singular (*le fait est que tout être humain concret est toujours singulièrement situé*)” (BEAUVOIR, *LDS*, 1986, I, p. 13). Embora ela critique as noções

estigmatizadas e universalistas, afirma a consciência de seres individualizados, concretamente permeados de sentido histórico e cultural. Se tal sentido é histórico, sua formulação e impacto só poderiam mesmo ser gradativos e continuamente reconstruídos.

Os paradoxos e a recepção

Finalmente, no que tange aos distintos suportes de interpretação que merecem ser retomados para que se proceda a uma interlocução com os critérios metodológicos, vale observar que a dimensão paradoxal do método suscita variadas correntes de análise. *Le Deuxième sexe* pode ser considerado uma chave mestra para as leituras de seu pensamento, pois ali se exibem critérios variados, a partir dos quais Beauvoir alimenta interlocuções ao longo da vida.

Nesse sentido, congregando interpretação, metodologia e recepção, Sara Heinämaa mostra que os estudos beauvoirianos acerca da sexualidade e da diferença sexual, que se apresentam sobretudo em *Le Deuxième sexe*, constituem uma elaboração crítica da descrição do corpo vivente (*corps vivant*) ou do corpo vivido (*corps vécu*), tal qual se encontra nas obras de Merleau-Ponty e de Husserl. Isso mostra como Beauvoir se lança como filósofa e não apenas como uma pensadora, escritora ou romancista. Apesar da pontuações críticas de comentadoras como M. Simons (1979), a questão que envolve a distinção entre sua competência como romancista e como filósofa deve ser lida de diferentes angulações, ainda que seja mencionada pela própria Beauvoir em entrevistas, ao que se podem acrescentar as considerações de *La force de l'âge* a propósito de Sartre como romancista e como filósofo. É que não se trata apenas de uma dicotômica rejeição da filosofia em favor da arte (HAINÄMAA, 2002, p. 55), assunto de que eu mesma já tratei em diversos textos (por exemplo, SANTOS, 2012).

Segundo Hainämaa, o que Beauvoir propõe como filosofia é bastante diferente da concepção tradicional. Ela considera a atividade filosófica como uma pesquisa da verdade e de suas provas, como uma maneira de se interrogar juntamente com os outros e de se comunicar com eles. Os sistemas filosóficos de Hegel e de Sartre lhe parecem apaixonantes apenas para que possam servir de veículos ao questionamento de suas experiências vividas

(HEINÄMAA, 2002, p. 54). Mas sua proposta não se restringe ao âmbito de sua vida pessoal ou da vida cotidiana em geral. Para Heinänaa, o que Beauvoir põe em questão é a natureza do pensamento filosófico, assim como os princípios da evidência (em verdadeira crítica aos princípios cartesianos), para então acentuar o papel da linguagem (HAINÄNÄA, 2002, p. 55), que não poderia deixar de atender a um questionamento radical para além dos limites do solipsismo: “Pensar não consiste em um monólogo interno, é uma cooperação e algo que depende essencialmente dos outros, de seus pensamentos expressos em palavras e em textos” (HAINÄMAA, 2002, p. 55).

Chama a atenção o modo como se instaurou um intenso e muitas vezes tenso diálogo em torno de *Le Deuxième sexe*, incluindo textos não só de intérpretes, como também da própria Beauvoir, a qual, de certa forma, antecipa modos de interlocução. Conforme Sonia Kruks, um “exame da versão da filosofia existencial altamente original de Beauvoir, na qual a ambiguidade é o *Leitmotif*”, pode mostrar-se bastante *frutífero*, pelo fato de ela “explorar um conjunto de paradoxos não solucionados e tensões na vida política” – política tomada em seu sentido amplo –, em que se destacam os “impasses entre teorias” em que a ambiguidade se evidencia. Ainda segundo Kruks, embora para certa ala do pensamento feminista Beauvoir possa parecer uma espécie de relíquia, para outras constitui um recurso para pensar o futuro (KRUKS, 2012, p. 4). Embora Beauvoir seja mais conhecida por *Le Deuxième sexe* e esta seja tomada como uma obra de teoria feminista, é preciso lembrar que a teorização sobre as relações sociais sexualizadas já é uma forma de teorizar sobre o espaço de questões político-filosóficas (KRUKS, 2012, p. 5). As teorias feministas necessitam da elaboração de conceitos normativos como *desigualdade*, *opressão* e *liberdade*, conceitos esses que são centrais na filosofia política e ensejam verdadeiro compromisso com questões filosóficas (KRUKS, 2012, p. 7-8).

Contudo, não se pode desconsiderar a importância de sustentar essa mesma dimensão dialógica existente entre filosofia e feminismo por meio do retorno aos próprios textos, inclusive autobiográficos (escritos ao longo de sua vida), para ali verificar como ela obtém das memórias uma profunda reflexão filosófica, na qual tópicos como *situação*, *liberdade* e *ação* são chamados e ressignificados, e como, de forma paradoxal, ela desafia os cânones autobiográficos (BAINBRIGGE, 1990, p. 13) e desenvolve uma reflexão crítica sobre as próprias formas de problematizar a memória. Segundo Bainbrigge, a posição de

Beauvoir como memorialista é “paradoxal de vários modos”, já que ela situa a si mesma como verdadeiro paradigma da autobiografia francesa e ao mesmo tempo modifica este mesmo cânone de diversas maneiras. Pode-se mesmo afirmar que suas bases conceituais se erguem de forma a contemplar o paradoxo implícito nos conceitos, nos valores, nas formas correlacionais do existir humano, em que o *eu* e o *outro* interagem sempre em situação e em vias gradativas de liberdade.

De toda forma, o diálogo deve ser entendido como o lugar por excelência de seu filosofar e Beauvoir, ao longo de sua vida, não sentiu haver um “hiato entre as intenções” que a “levaram a escrever livros” e os livros que realmente escreveu (*Mais je ne sens pas de hiatus entre les intentions qui m’ont poussée à faire des livres et les livres que j’ai faits*) (BEAUVOIR, *TCF*, 1972, p. 513). Sua comunicação com os outros, sua recepção em geral, é o que a torna uma filósofa que não se divorciou da vida, antes se conduziu por meio de escolhas filosóficas.

É justamente o que aqui propus: como pensar e refletir a relação entre escrever e viver. Vasculhando o lugar do feminino na cultura, sob o enfoque da axiologia feminista, buscar o lugar reservado por Beauvoir para tais questões no cerne de suas reflexões filosóficas e na forma metodológica como aborda a questão de como se faz uma vida com base na relação entre relatar e refletir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesco. Chapecó: Argos, 2010.

BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAINBRIGGE, Susan. *Le Drame Personnel de l’Histoire: Simone de Beauvoir’s La Force de l’âge and La Force des choses*. **Literature & History**; Spring 2001, Vol. 10 Issue 1, p.54-69.

- BAINBRIGGE, Susan. **Writing against Death**. The Autobiographies of Simone de Beauvoir. Amsterdam, New York: Rodopi B.V., 2005.
- BAIR, Deirdre. **Simone de Beauvoir**. A Biography. New York: Summit Books, 1990.
- BAIR, Deirdre. *Simone de Beauvoir: Politics, Language, and Feminist Identity*. **Yale French Studies**, 1986, No. 72, p. 149- 162. <http://www.jstor.org/stable/2930232> Accessed: 21/04/2009 12:13.
- BEAUVOIR, Simone de. **La force de l'âge**. Tome I. Paris: Gallimard, 1984. Folio.
- BEAUVOIR, Simone de. **La force de l'âge**. Tome II. Paris: Gallimard, 1985. Folio.
- BEAUVOIR, Simone de. **Le Deuxième sexe**. I. Les faits et lês mythes. Paris: Gallimard, 1986. Folio. Essais.
- BEAUVOIR, Simone de. *Oeil pour oeil*. In: BEAUVOIR, Simone de. **L'existentialisme et la sagesse des nations**. Paris: Gallimard, 2008. p. 85-111.
- BEAUVOIR, Simone de. **Pour une morale de l'ambigüité**. Paris: Gallimard, 1983.
- BEAUVOIR, Simone de. *Pyrrhus et Cinéas*. 1983. In: BEAUVOIR, Simone de. **Pour une morale de l'ambigüité**. Paris: Gallimard, 1983. p. 231-370.
- BEAUVOIR, Simone de. **Tout compte fait**. Paris: Gallimard, 1972.
- GOTHLIN, Eva. *Beauvoir et Sartre: deux philosophie en dialogue*. In: DELPHY, Christine; CHAPERON, Sylvie. **Cinquantenaire du Deuxième sexe**. Paris: Éditions Syllepse, 2002. p. 113-120.
- HEINÄMAA, Sara. *Les sources phénoménologiques: les corps vécu et ses expressions*. In: DELPHY, Christine; CHAPERON, Sylvie. **Cinquantenaire du Deuxième sexe**. Paris: Éditions Syllepse, 2002. p. 48-55.
- KAIL, Michel. 2008. KAIL, Michel. **Simone de Beauvoir**. Philosophe. Paris: Presses Universitaires de France, 2006,
- KRUKS, Sonia. **Simone de Beauvoir and the Politics of Ambiguity**. Oxford, New York: Oxford University Press, 2012.
- SANTOS, Magda Guadalupe. Memória e feminino em Simone de Beauvoir: o problema da recepção. **Revista de Estudos Feministas**, v.20, n.3, set.-dez. 2012, p. 919-937.
- SILVA, Maria de Fátima. *A tradição grega em Simone de Beauvoir, Le Deuxième sexe*. **Sapere Aude**, PUC Minas, 2011, v.2, n. 3, 2011. p. 74-87.

SIMONS, Margaret A. **Beauvoir and the Second Sex**. Feminism, Race, and the Origins of Existentialism. Lanham: Rowman & Littlefield, 1999.

SCHWARZER, Alice. **Simone de Beauvoir**. Weggefährtinnen im Gespräch. 4. Aufl. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 2008.

TARDUCCI, Mónica. *Algunas reflexiones sobre la antropología del parentesco a propósito de Simone de Beauvoir*. In: CIRIZA, Alejandra (Org.). **En Memoria de Simone de Beauvoir**. Herencias, debates, lecturas inesperadas. Buenos Aires: Leviatán, 2011. p.21-35.

VINTGES, Karen. **Philosophy as Passion**. The thinking of Simone de Beauvoir, Bloomington-Indianapolis: Indiana University Press, 1996.